

Nos 99 anos do Teatro São João

No dia em que o Teatro São João celebra 99 anos, distribuímos um documento que aponta para diante: *Dez ideias para (mais) dez anos de Teatro Nacional São João*. O vídeo a que acabámos de assistir *encena* estas dez ideias, mobilizando um elenco de *actores* que diz melhor do que nós próprios seríamos capazes. Conta-se que Shakespeare foi surpreendido pela eloquência de Hamlet. Também nós nos sentimos apanhados de surpresa – não só pelas palavras, mas também pela afeição daqueles que nos seguem como espectadores e amigos, daqueles que connosco partilham esta *casa como causa*.

Estas *Dez ideias* não são uma cartilha – não são um manifesto sequer. Não sei como descrevê-las senão recorrendo a um termo do léxico parlamentar – um *ponto de ordem*, que formulámos primeiro para nós próprios e que, nesta ocasião, partilhamos convosco. Em 1996, João Reis perguntou neste palco: “Quem me chama, [...] quem me tira de mim e me dá vozes?” Foi n’*O Grande Teatro do Mundo* de Calderón de la Barca, encenado por Nuno Carinhas, que está connosco desde a primeira hora. Num quadro de mudança – tanto ao nível da administração como ao nível da direcção artística –, depois de uma década em que este Teatro Nacional sofreu sucessivas constrições e num contexto em que a vida cultural da cidade do Porto se reconfigurou tão expressivamente, sentimo-nos impelidos a perguntar: o que somos, o que nos chama? O que nos lança para fora de nós mesmos, o que nos dá vozes? Este pequenino livro é a nossa tentativa de resposta, um *ensaio* na aceção teatral do termo.

Intencionámos estas *Dez ideias* como um objecto gráfico sem imagens. Gostaria nesta ocasião de recuperar *dez imagens* que desencadeiem um vaivém entre o passado e o presente, ajudando-nos a projectar os desígnios deste Teatro para a celebração dos seus 100 anos.



Rescaldo do incêndio do Real Theatro de São João, 11-12 de Abril de 1908 (foto Aurélio Paz dos Reis)

— 01 —

O teatro é uma arte de combustão rápida: do espectáculo da noite anterior não sobram senão cinzas, detritos. Sabemos que a cena é um lugar altamente inflamável: o corpo posto em cena é um corpo perigoso. Numa altura em que se preparava para deixar o Teatro Nacional que pensou e estruturou, Ricardo Pais escreveu que “abrir o pano de boca é como abrir uma porta sobre um incêndio”. E se Brecht queria arrefecer o espectador, Artaud desejou chegar-lhe fogo. Infelizmente, o fogo de Prometeu não é apenas uma boa metáfora para a experiência teatral. Aprendi que, de facto, os teatros ardem a partir do palco. Madeiras, panos e iluminação perfazem um ecossistema favorável à propagação do fogo. Esta fotografia foi feita por Aurélio Paz dos Reis na manhã de 12 de Abril de 1908 e mostra-nos um teatro arruinado por um incêndio: o Real Theatro de São João projectado por Vincenzo Mazzoneschi e inaugurado em 1798. O Teatro São João de Marques da Silva, cujo centenário nos preparamos agora para celebrar, ergue-se sobre os escombros desse São João primitivo. Não apenas isso: é dele “sucessor e continuador”, como demonstrou Luís Soares Carneiro numa obra sobre Marques da Silva e os dois Teatros. Mostro esta imagem por ela representar a dramática génese do São João que nesta ocasião comemoramos, mas também porque nenhum projecto de teatro começa *ex nihilo*. Este Teatro Nacional ergue-se não sobre uma ruína, mas sobre os fundamentos lançados por aqueles que nos precederam. Somos sucessores e continuadores – e estas *Dez ideias* são um palimpsesto, porque sob a superfície do texto encontramos os sinais de uma escrita anterior, original.



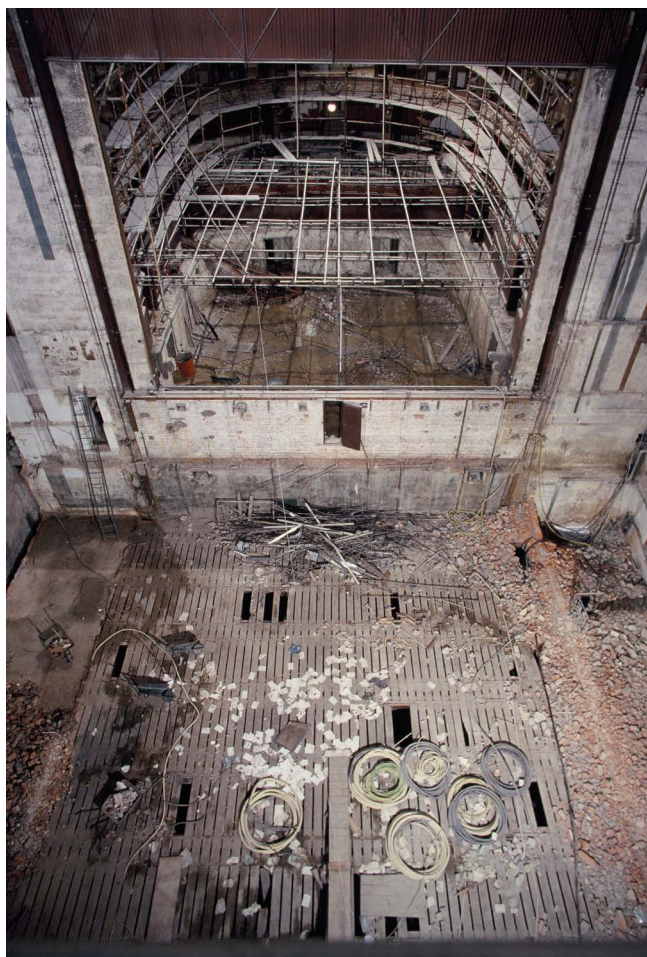
Postal do Teatro São João, de José Marques da Silva, cc. 1920

— 02 —

Eis o Teatro São João de Marques da Silva tal como nos surge num postal produzido nos anos vinte, pouco tempo depois da inauguração do novo edifício. É importante lembrar que tanto o Real Teatro como o segundo São João não resultam da deliberação e do investimento do Estado, tendo sido erguidos por iniciativa da própria cidade do Porto, das suas elites, associações, população. É justo mencionar, em particular, o nome hoje ignorado de Francisco de Almada e Mendonça, a cuja energia e influência se deve a construção do original São João. É também por isso que gostamos tanto de dizer que este não é um Teatro Nacional *no* Porto, mas um Teatro Nacional *do* Porto. Todos os dias experimentamos a atenção e a afectividade que caracterizam a relação que este Teatro mantém com os cidadãos. Desejamos que a celebração desta efeméride aprofunde o vínculo afectivo do Porto com o São João, e que o Teatro seja invadido pelas memórias daqueles que o viveram e habitaram. No limiar do Centenário, sentimos ainda que o *raio de ação* do São João deve exceder o perímetro do Porto, afirmando-se como um instrumento relevante de uma política de descentralização cultural a Norte. Precisamos de tornar mais forte e mais regular a nossa presença no país, em especial na região. Isso acontecerá já em 2020, nomeadamente através de um plano de digressões que não tem qualquer paralelo com o que aconteceu no passado, como explicitará Nuno Cardoso, o recém-nomeado Director Artístico desta casa. O São João que aqui vemos é agora um Teatro Nacional a Norte, para o Norte.

Se há 25 anos aqui nos encontrássemos, estaríamos instalados nesta magnífica cratera. Poderia ser o cenário de uma peça de Edward Bond, dramaturgo britânico para quem as pessoas são as cicatrizes da História. É, afinal, o Teatro São João. A fotografia de Luís Ferreira Alves demonstra quão profunda foi a obra de recuperação e restauro projectada pelo arquitecto João Carreira em meados da década de noventa, após a aquisição do edifício pelo Estado. Ao contrário do que sucedia nessa época, o São João não se encontra hoje num “estado de abandono e anonimato”, como então escrevia Eduardo Paz Barroso, o primeiro director deste Teatro Nacional. Todavia, quase trinta anos depois, este Monumento Nacional reclama uma intervenção de conservação e manutenção generali-

zada que – para além reparar o desgaste que o continuado uso dos espaços naturalmente acarreta – impermeabilize o edifício e debele graves problemas de infiltração; resolva anomalias estruturais de climatização e ventilação; renove a estrutura do palco e a mecânica de cena, consideravelmente envelhecidas; actualize o sistema eléctrico e o sistema de segurança; e torne o edifício energeticamente mais sustentável. Revela-se ainda fundamental promover a renovação do parque técnico, muito especialmente no que diz respeito às áreas de iluminação cénica e de som. No contexto do projecto de restauro dos anos noventa, foi adquirido equipamento que conferiu a esta instituição uma condição privilegiada, mas, um quarto de século depois, apesar do investimento realizado com recursos próprios, os meios técnicos deste Teatro Nacional encontram-se desactualizados, no limiar da obsolescência. É nossa firme convicção que os 100 anos do São João constituem o quadro favorável para a realização desta importante obra de reabilitação e deste investimento tecnológico. Avancámos já com estudos e projectos, ao mesmo tempo que desenvolvemos um diálogo próximo com o Governo, especialmente com o Ministério da Cultura e o Ministério do Planeamento, com o propósito de garantir a viabilização de uma intervenção extraordinária no âmbito do Centenário. Não se trata de financiar um ano excepcional. Trata-se de investir no futuro do Teatro São João e preparar os próximos cem anos de um *Teatro de elite para todos*.



Sala do Teatro São João durante a obra de reabilitação de 1994-95
(foto Luís Ferreira Alves)



Agradecimento final de *O Saque*, de Joe Orton, enc. Ricardo Pais, 2016 (foto João Tuna)

— 04 —

Há um ano afirmámos que gostaríamos de reconstituir aquilo que, há uma década, designávamos humoradamente por “companhia *quase* residente” e que conhecidos cortes orçamentais vieram desagregar. Esta fotografia que João Tuna fez do agradecimento dos actores no final de *O Saque*, reporta-nos a esse período em que o São João era habitado por um elenco de actores mais ou menos permanente. Não vivemos hoje em situação de desafogo financeiro, e as restrições de contratação a que estamos sujeitos têm-se revelado especialmente rigorosas. Todavia, Direcção Artística e Administração têm trabalhado em conjunto para viabilizar a constituição de um núcleo de actores contratado anualmente, permitindo um raciocínio mais consequente sobre a produção própria e a política de repertório, e favorecendo a circulação nacional e internacional dos espectáculos aqui criados. Planeamos formar um elenco *quase* residente de oito actores em 2020 – ano de Centenário –, mas é nosso desejo que ele sobreviva à festividade. Esta estratégia mostra-se viável no actual quadro orçamental; há enquadramento legal para a implementar; a análise custo/benefício é-nos favorável. Precisamos apenas de garantir a devida autorização da nossa dupla tutela governamental – Cultura e Tesouro. Já aqui o dissemos: nunca somos tão felizes como quando usufruímos da companhia *dos* actores. Importa agora acrescentar: nunca somos tão produtivos – e rentáveis – como quando dispomos de uma companhia *de* actores.



Otelas, de William Shakespeare, enc. Eimuntas Nekrosius, 2001 (foto João Tuna)

— 05 —

Deve-se ao São João a revelação em Portugal de Eimuntas Nekrosius, encenador desaparecido no final do ano passado. Emprego a palavra “revelação” deliberadamente, pois a poética cénica deste lituano desencadeou uma adesão quase mística por parte do público. Esta outra fotografia de João Tuna pertence ao *Otelo* que foi apresentado nesta sala, há quase vinte anos já. Nekrosius foi uma *aparição* regular no festival PoNTI, marca que teima em permanecer intacta na memória do São João e do público da cidade. O projecto internacional deste Teatro conheceu uma nova expressão após a integração na União dos Teatros da Europa, em 2003. Nos anos que se seguiram, as produções do São João foram apresentadas nos mais importantes teatros de arte, de Espanha à Rússia. Sob o influxo da crise financeira e da consequente retracção da produção própria, a internacionalização do São João perdeu fôlego. No quadro do Centenário, reactivamos este projecto, repensando os seus termos. Ao mesmo tempo que nos esforçamos por renovar o vínculo com a UTE, rede que se encontra agora em plena refundação, estamos empenhados em fomentar novas relações no plano externo, nomeadamente com países de língua oficial portuguesa. Em Novembro deste ano, estaremos pela primeira vez em Cabo Verde, país com o qual estamos a estudar modalidades de colaboração que transcendem a mera exportação de espectáculos. Não se trata apenas de afirmar esta casa e seus fazedores no plano internacional, mas também de desencadear novas experiências de troca, partilha e crescimento artístico, assentes na abundante herança polimórfica da Língua Portuguesa.



Programas de sala do São João Cine (foto João Tuna)

— 06 —

Em 1932, apenas 12 anos após a sua inauguração, este Teatro foi convertido em cinema. Estes programas de sala reportam-nos ao período áureo do São João Cine, antes de o edifício entrar em decadência e cair no esquecimento. Não é destas publicações que pretendo falar, mas daquelas que constituem um eixo da actuação do Teatro Nacional que aqui foi criado. Os Manuais de Leitura, inventados em 2003, são o elemento icónico deste investimento editorial, por promoverem a divulgação de textos críticos referenciais e desencadearem toda uma nova reflexão sobre autores, obras e dramaturgias. Neste ano, colocaremos em marcha a Empilhadora – uma nova colecção de livros nos âmbitos do ensaio, da biografia e das memórias –, no contexto da qual publicaremos, em 2020, a monumental biografia escrita por James Knowlson: *Falhar Melhor: A Vida de Samuel Beckett*. Mas este acontecimento não é sequer a peça-chave do projecto editorial dos 100 anos: entre 7 de Março de 2020 e 7 de Março de 2021, iremos editar os *Cadernos do Centenário*, um conjunto de publicações temáticas em torno do número 100. Um primeiro *Caderno* versará a *memória artística*, reunindo 100 testemunhos sobre 100 espectáculos; o segundo *Caderno* incidirá sobre a *memória crítica*, reunindo 100 textos originais de publicações do São João, uma antologia que percorrerá vários géneros, do ensaio à entrevista; o terceiro *Caderno* explorará a *memória gráfica*, colocando em perspectiva cartazes e outros objectos gráficos; e finalmente o quarto *Caderno* privilegiará uma *memória aberta*, a partir do olhar indisciplinado de Álvaro Domingues. Com direcção editorial de João Luís Pereira, estes *Cadernos do Centenário* visam fixar e celebrar o que fomos, aproveitando esse *balanço* para projectar o que vamos ser a seguir.



Interior do Teatro São João, 1993 (foto Rita Burmester)

— 07 —

Procura-se este leão. Quaisquer informações sobre o seu paradeiro devem ser transmitidas a este Teatro Nacional, cuja fauna lamenta o desaparecimento deste mamífero. Esta fotografia é de Rita Burmester, que a registou em 1993, logo após a aquisição do edifício pelo Estado. O Teatro enquanto arte estabelece uma relação peculiar com o tempo: ele é, em si mesmo, uma máquina fabulosa de circulação da memória cultural da humanidade. Não por acaso o fantasma é essencial ao imaginário teatral. Não há, de resto, Teatro que se preze que dispense um fantasma inquilino. O nosso São João tem um fantasma abstémio, chama-se Beb'Água. Sofremos, contudo, de graves falhas de memória. A história errática do edifício, a sua progressiva decadência e a negligência documental do passado favoreceram a dispersão de documentos, materiais, objectos, pulverizando a possibilidade de um espólio ou arquivo próprio. Ouvimos falar de animais empalhados, antigas máquinas de produzir vento, peças de mobiliário que hoje possuiriam um inestimável valor histórico. Com o propósito de colmatar a amnésia documental e patrimonial diagnosticada, demos já os primeiros passos conducentes à realização, no segundo semestre de 2020, de uma exposição dos 100 anos do São João, que envolverá um exigente trabalho de pesquisa e culminará na edição de um catálogo em 2021. Contamos com o apoio e colaboração de outras entidades, nomeadamente da Fundação Instituto Marques da Silva. Esta exposição permitirá, pela primeira vez, pôr em perspectiva os 100 anos deste Monumento Nacional, projectando-a contra o pano de fundo da história da cidade e do país.

É um pouco paradoxal que, na celebração dos 99 anos de vida do Teatro São João, a bandeira nacional se encontre a meia haste no frontispício deste Monumento Nacional. O Governo de Portugal decretou este 7 de Março como dia de luto nacional pelas vítimas de violência doméstica. Este luto – com o qual, apesar da ocasião festiva, também nos solidarizamos – recorda-me os lutos que, ao longo deste quarto de século enquanto Teatro Nacional, o São João teve de fazer e enfrentar – de Fernanda Alves, que aqui ensaiava as *Barcas* com Giorgio Corsetti, a Jorge Vasques, que perdemos de vista na *História de Deus*, um auto de Gil Vicente que contém este apelo: “Oh, Tempo, espera!” Perdemos ainda colegas, e colaboradores como Paulo Eduardo Carvalho, de cuja generosidade e exigência

fomos violentamente depredados. Não é minha intenção introduzir um apontamento sombrio nesta comemoração. Pelo contrário, porque as pessoas que evoco têm a força luminosa daquilo a que chamamos *exemplo*. O Sr. Pêra – que vemos nesta fotografia de João Tuna, datada do final da década de noventa – atravessou grande parte da história deste Teatro, de cuja memória era fiel depositário. Trabalhou aqui, ininterruptamente, durante 65 anos, mas já não lhe foi permitido estar connosco nesta ocasião. O Sr. Pêra continua, todavia, a encarnar para nós próprios o brio, a dedicação e o sentido de pertença que administradores e directores artísticos, companhias, encenadores, actores e público sempre encontraram na equipa deste São João. Há dias recebi uma nota manuscrita de um amigo e espectador desta casa, que tem por hábito ocupar o lugar D8 da Tribuna. Passo a lê-la, pois contém a forma de um desafio:

O Sr. Pêra foi, para mim, a Sétima Personagem em Busca de Autor. De fato preto, colarinhos quebrados, plastron de seda negra onde se aninhava uma tímida pérola, este frente-de-casa do São João representou durante anos e anos, e independentemente da peça em cartaz, sempre a mesma personagem, do mesmo modo, com as mesmas marcações e obtendo sempre o mesmo êxito. Porém, nunca ouvi dizer que algum autor, encenador ou quiçá algum espectador tenham alguma vez atentado nessa imensa personagem cuja presença gentil, ágil, terna e ubíqua enchia o teatro nos dias de récita. Digamos, pois: “Bis, Sr. Pêra, bis!”



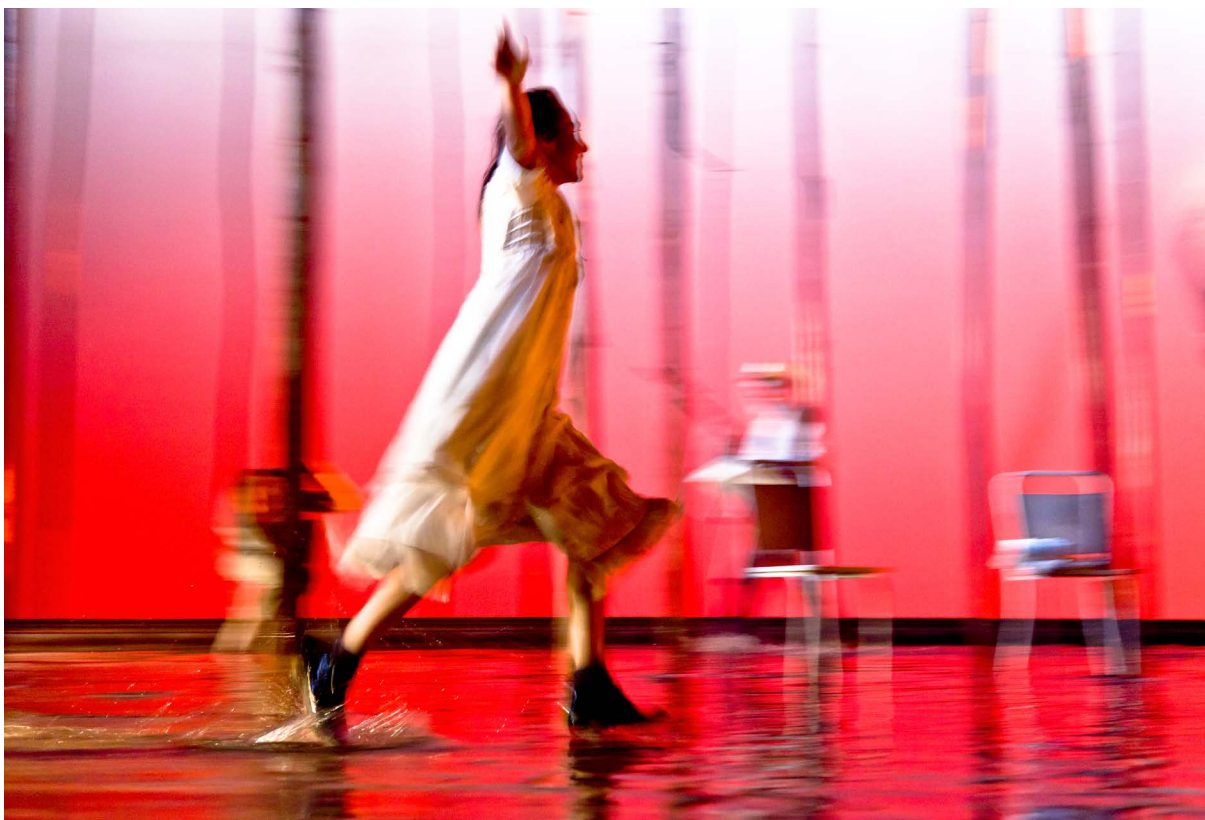
José Joaquim Pêra, funcionário do Teatro São João entre 1947 e 2012 (foto João Tuna)



Esquissos do futuro Teatro São João, de José Marques da Silva, 1909

— 09 —

Com o caderninho das *Dez ideias* distribuámos hoje também um lápis, na esperança de que ele participe do vosso dia-a-dia, atravessando o ano que ainda nos separa do Centenário do Teatro São João. Com este lápis faremos notas à margem nas páginas de um livro, anotaremos um recado, tomaremos apontamentos numa reunião ou aula. Talvez arrisquemos um desenho. O Nuno Cardoso, que em seguida fará a sua primeira comunicação pública como Director Artístico deste Teatro, gosta de desenhar, mesmo detendo um talento incerto para o desenho. Faz diagramas da evolução da acção e das relações entre personagens, rascunha cartazes, esboça cenários. A imagem que projecto em penúltimo lugar poderia ter sido a primeira: um esquisso do novo Teatro São João feito por Marques da Silva em 1909, menos de um ano após o incêndio. Talvez este esquisso nos deva lembrar que um Teatro, mesmo um Teatro Nacional, deve estar sujeito a uma permanente reescrita, como sucede com a *Antígona* e as personagens do fundo mitopoético clássico. Cada ensaio, cada récita reescreve a experiência do dia anterior. Esta reescrita deve ocorrer inclusive nas dimensões administrativas de um Teatro, combatendo a cristalização orgânica e promovendo a inovação a todos os níveis, da desmaterialização documental ao investimento em formação profissional.



A Gaivota, de Anton Tchékhov, enc. Nuno Cardoso, 2010 (foto João Tuna)

— 10 —

Há duas ou três semanas, um jornalista do *Daily Telegraph* mostrava-se surpreendido com facto de o São João ter apenas 100 anos. Não pode ser de 1920, argumentava ele, parece de uma época anterior. Este Teatro – o Teatro – instala a dúvida, lança a confusão: pela arquitectura e pelo estilo, o São João afigura-se mais antigo do que é; pelas linguagens de cena, revela-se mais novo do que é. Um Teatro pode ter todas as idades do mundo, é um projecto intempestivo. Talvez um Teatro Nacional deva resistir à tentação de querer ser do seu tempo, porque, dizia Ionesco, “quem quer ser do seu tempo já está ultrapassado”. O Teatro está por vezes *contra* o seu tempo, *em favor* de um tempo por vir. Velhíssimo, ao ponto de alguns o considerarem obsoleto, faz-se novo todos os dias, todas as noites. A um ano de se tornar centenário, o Teatro São João está afinal prestes a nascer.

Pedro Sobrado

Porto, 7 de Março de 2019